

Votação adiada deixa Archer na berlinda

P. 3

TARCISIO HOLANDA
 Repórter especial

Poucos políticos duvidam de que Sarney conseguirá aprovar o mandato de cinco anos no plenário da Constituinte. Mas não até o fim da semana, como alguns líderes governistas desejavam (não haverá tempo para isso, uma vez que o capítulo da Ordem Social é longo e ainda há controvérsia a respeito do polêmico item sobre as comunicações, que tanto divide os constituintes).

O líder do PMDB na Constituinte, senador Mário Covas, acha que talvez seja possível votar a questão do mandato em meados da próxima semana. Assim mesmo, exprimindo suas dúvidas sobre essa possibilidade, uma vez que há um feriado na próxima segunda-feira que poderá impedir quorum até mesmo na terça-feira.

Garantido o mandato de cinco anos, o que muitos discutem é se Sarney atenderá ao pleito de alguns dos seus inquietos aliados de fazer uma reforma ministerial para incorporar aos diferentes escalões do Governo elementos representativos dessa nova base de sustentação político-parlamentar constituída a partir da sua vitória específica.

Alguns políticos que se dedicam a analisar a situação nacional nas conversas privadas de Ulysses Guimarães fazem outro tipo de avaliação. Observam que a nova política econômica de Sarney, que inclui uma reconciliação com o FMI e o sistema financeiro internacional e a nova política industrial, compõem uma estratégia de centro-direita. É preciso indagar se interessará ao atual presidente

maior aproximação ou afastamento de Ulysses e do PMDB, na atual conjuntura.

No PMDB, a impressão é de que Sarney estaria tomando a iniciativa de romper com o PMDB se demitisse o ministro Renato Archer e, por via de consequência, os ministros Luís Henrique da Silveira, da Ciência e Tecnologia, e Celso Furtado, da Cultura, todos diretamente vinculados à liderança de Ulysses Guimarães.

Como o PMDB promete ganhar perfil mais conservador a partir da saída dos dissidentes comandados pelo senador Mário Covas (Covas e Euclides Scalco prometem sair logo depois de concluído o primeiro turno de votação da Constituinte, já convencidos de que vencerá o mandato de cinco anos para Sarney), é legítimo supor que o afastamento do partido de Sarney não teria mais sentido.

Não teria sentido nem para Sarney, nem para Ulysses, nem para o PMDB, que passará a ser fortemente influenciado em sua linha de ação pelos interesses imediatistas dos governadores. "Não creio que o Sarney tome a iniciativa de romper. Ele já está em minoria no Senado; iria desestabilizar sua base na Câmara? Não creio -- diz o deputado Genebaldo Correla, que frequenta o círculo íntimo de Ulysses.

Talvez a razão esteja com o primo do atual Presidente da República, o deputado Albérico Filho (PMDB-MA), para quem o atual Presidente não fará nenhuma reforma ministerial e nem demitirá Renato Archer. "Sarney é um político experiente. Ele não val tomar iniciativas que provoquem resultados im-

previsíveis", dizia Albérico Filho, dando pouco crédito aos rumores no PFL sobre a demissão de Archer.

O deputado Ulysses Guimarães anda preocupado com a sorte de Renato Archer. Por sua inspiração, o 1º vice-presidente da Constituinte, senador Mauro Benvides, fez longo discurso ontem em plenário da Assembleia enaltecendo a ação administrativa que Archer vem desenvolvendo na pasta da Previdência Social.

Ulysses promoveu almoço em sua residência oficial do Lago, ontem, reunindo os ministros Renato Archer e Luís Henrique da Silveira para avaliar os rumores sobre a destituição do atual ministro da Previdência. Ulysses já pediu até a jornalistas de sua intimidade que destacassem o trabalho de Renato para desencorajar a campanha contra ele.

O líder do PFL, José Lourenço, saiu animado de uma de suas últimas conversas com o Presidente da República. A certa altura Sarney lhe indagou se, caso fosse o Presidente da República, demitiria Archer agora. "Agora, não. Mas, depois de definido o mandato, eu demitiria", respondeu o líder do PFL na Câmara, ao que Sarney teria prometido: "Então aguarde para depois da definição do mandato".

O deputado Albérico Filho não acredita que Sarney tome essa iniciativa, que representaria um verdadeiro terremoto no PMDB, no exato momento em que Ulysses é contestado por um punhado de expressivas lideranças, à frente o senador Mário Covas. "Ele não fará isso", garante.